

Graciliano Ramos e as lembranças de Joinville

Eunaldo Verdi

Graciliano Ramos, natural de Quebrângulo — Alagoas, onde nasceu em 27 de outubro de 1892, se fosse vivo, completaria 90 anos nesta semana. O aniversário já foi por várias vezes memorado no decorrer deste ano, devendo-se destacar a palestra do professor João Luiz Lafetá, que a União Brasileira de Escritores promoveu a 24 de agosto em São Paulo, durante a VII Bienal Internacional do Livro. A data, ao certo, será ainda gratamente lembrada, por razões muito diversas, em vários pontos do país, desde Palmeira dos Índios-AL, onde Graciliano foi prefeito nos idos de 1928-30 e em cujos relatórios administrativos pôde o poeta Augusto Frederico Schmidt descobrir o grande escritor, até o Rio de Janeiro, que por primeiro leu suas obras e em cujo cemitério de São João Batista encontram-se seus despojos, e São Paulo, para onde foram levados recentemente seus arquivos pessoais, doados pela família ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

Joinville sente-se igualmente na obrigação de homenageá-lo, se não por qualquer outra razão, pelo simples fato de ter causado boa impressão ao romancista, “um anônimo famoso” que por aqui transitara em 1951. E não vejo melhor homenagem neste momento do que recuperar a memória dessa visita, da qual não se tem nenhum registro na cidade.

Tendo sido eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores em 3 de março de 1951, em setembro Graciliano Ramos “rolara nove dias em automóvel”, do Rio de Janeiro a Porto Alegre, para participar do IV Congresso Brasileiro de Escritores. “Ele estava com medo de viajar de avião”, nos diz Vivina de Assis Viana, que registrou o seguinte depoimento do escritor alagoano: “Depois de andar por cima de vários Estados do meu país, tinha-me resolvido a não entrar em aviões; a morte horrível de um amigo levava-me a odiar esses aparelhos assassinos” (1). O amigo cuja morte tanto o impressionara era Galeão Coutinho. “Da expedição participaram ainda sua filha mais nova (Clara Ramos), Miécio Táti e o poeta Carrera Guerra” (2).

Joinville fazia parte do itinerário. Difícil saber qual o ponto da parada aqui em nossa cidade, nem quanto tempo aqui esteve o romancista. Não há nenhum registro desses detalhes. Apenas registrou-se, pelas memórias de dois de seus companheiros de viagem, Clara Ramos e Miécio Táci, as impressões que a cidade lhe causou. E ambos têm uma grata lembrança dessas impressões, porque foram as melhores de toda a viagem. Segundo os dois depoentes, Graciliano referiu-se várias vezes durante o resto do percurso ao que viu e sentiu em Joinville. Reteve essas lembranças como uma singela mais eloqüente homenagem, por serem a exata expressão do que mais gostaria de ter visto aqui.

“Constituindo S. Paulo o terminal sul de sua geografia pátria, as terras que o ultrapassam são agora uma surpresa. A colonização branca, uma gente forte e limpa; as casinhas de madeira, suas cortinas, flores na janela; fartura de água e comida — enfim, tudo muito diferente da terra e do povo arrasados do Nordeste. Seriam essas regiões saciadas o verdadeiro Brasil? Ou são pedaços da Alemanha, da Itália, da Polônia? A linguagem e a cultura diferem das que lhe são familiares” (3). Isso tudo impressiona o romancista nordestino, porém simpatiza com Santa Catarina, principalmente Joinville, mais que com outro Estado ou cidade, especialmente Curitiba, com que embirrou. A que se deve tal simpatia? Vejamos o que dizem os memorialistas:

“Simpatizou com Santa Catarina por causa de Gervásio”, nos diz Clara Ramos. “Chega a Joinville numa manhã de sinos e bicicletas; procura insistentemente um negro na cidade branca, de fala estrangeira, descobre afinal na estrada, mosca no leite, metida num bando de meninas louríssimas, a criaturinha retinta, falante, vivaz, a contrastar com as isoladas tímidas. O pretinho Gervásio vira a personagem mais comentada da viagem” (4).

Miécio Táci, que também o acompanhava, dá uma versão um pouco diferente do episódio: “Joinville, por exemplo, consegui do velho Graça amor à primeira vista. De cigarro nos dedos, cotovelos apoiados no corpo, cabeça sempre arriada para frente, olhos baixos nos óculos, o que iria presidir a um Congresso de Escritores no Rio Grande, viu que um grupo de moças chilreantes e leves passeava de braços dados na calçada varrida da cidade. O romancista em férias anima-se a enfrentá-las. Caminha em passos moles, sem que se saiba o que pretende mas

com os olhos fixamente dirigidos para o grupo que vinha. Aproximam-se as moças. Graciliano cumprimenta-as, elogia-as. As meninas rodeiam-no, crivam-no de perguntas. Uma delas me indaga, reservadamente: “Quem é ele?” Adivinhasse quem pudesse: um anônimo famoso: O fato é que Joinville, sem o saber, prestou a Graciliano a melhor das homenagens: mimou-se por sete moças, louras e saudáveis, num domingo de cultos cantantes e de templos abertos às rosas. Graciliano falou nisso uma porção de vezes: — “Tão vivas, tão mocinhas . . .” (5).

Apesar dos memorialistas divergirem quanto ao foco das simpatias do romancista, o certo é que manteve por algum tempo viva na memória a imagem de uma cidade em tudo diferente do que conhecia no Brasil. Sentiu-se homenageado por isso. Foi a melhor das homenagens recebidas durante aquela aventura pelo sul. Ninguém tomou conhecimento dela, nem mesmo as sete louríssimas que mimaram, ou quem sabe, Gervásio, que o tranqüilizou, dando-lhe a certeza de que ainda estava no Brasil. Nenhum registro nos jornais. Tudo correrá ao estilo e gosto de Graciliano Ramos, tão arredo a homenagens. Melhor assim. Tivesse Joinville sabido da passagem de Graciliano Ramos e lhe preparado uma festa, certamente receberia em troca um palavrão, uma praga, jamais um agradecimento.

Fica agora registrado o fato, a título de homenagem pelo 90º aniversário natalício daquele que foi considerado mestre pela sua geração e consagrado pela crítica como o maior romancista brasileiro depois de Machado de Assis. Também sirva o registro de homenagem pelo 31º aniversário da passagem de Graciliano Ramos por nossa cidade. E creio que não haveria homenagem mais gratificante ao autor de “*Vidas Secas*” do que a preocupação em manter viva a lembrança desse momento, um dos últimos momentos felizes de sua vida e também de nossa história.

(in *A Notícia*, Joinville, 24 out 1982.

NOTAS:

- (1) Vivina de Assis Viana. "Graciliano Ramos, Principalmente Nordeste". Em *Jornalivo*, nº 5, São Paulo, Arte & Comunicação Editora, s.d., pág. 39.
- (2) Clara Ramos. *Mestre Graciliano; Confirmação Humana de Uma Obra*; Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1979, pág. 230.
- (3) Clara Ramos. *Obra citada*.
- (4) Clara Ramos. *Obra citada*.
- (5) Miécio Tâti. "O aniversário de Graciliano"; em *Estudos e Notas Críticas*; Rio de Janeiro, MEC/INL, 1958, pág. 153.